

O RACIONALISMO CARTESIANO E AS REGRAS DO MÉTODO

META

Expor as regras do método cartesiano

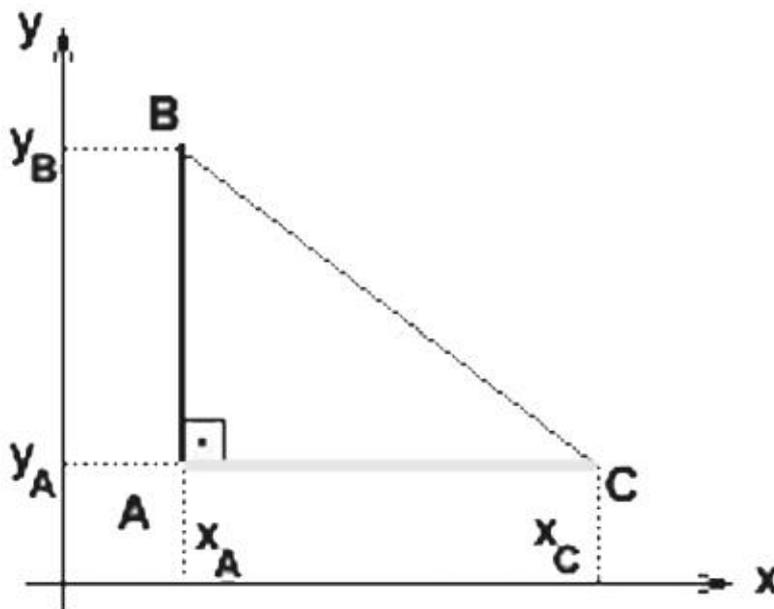
OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

fundamentar os passos constituintes do método cartesiano;
e definir o argumento do “Cogito”.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá revisar os assuntos relativos à ciência moderna.



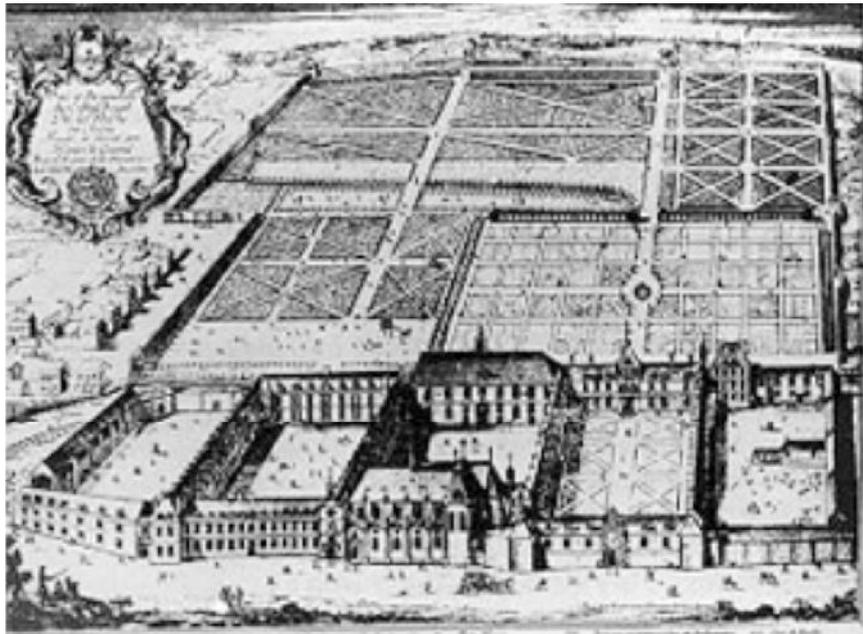
INTRODUÇÃO

Na aula de hoje, veremos o racionalismo cartesiano e as regras do método. René Descartes, ou Cartesius, nasceu em 1596 e morreu em 1650. A formação acadêmica de Descartes foi uma típica formação dos jovens nobres da França. Estudou no mais famoso colégio da época (La Flèche) e teve uma ampla formação tanto filosófica quanto científica. No entanto, Descartes movido pelo espírito que marca a ciência moderna, não se limitou a reproduzir as velhas fórmulas ensinadas pelos seus mestres de modo estéril e histórico. Como homem do seu tempo, Descartes se converteu em um crítico feroz da tradição escolástica.

O início das suas reflexões está marcado pela busca de determinação de um método capaz de, assim como almejava Francis Bacon e outros, propiciar autonomia e objetividade à razão. Spinoza, Malebranche, Port-Royal, Leibnitz foram alguns dos pensadores que seguiram este mesmo ideal. No fundo, estabelecer um método para o conhecimento é uma das grandes, senão a maior, característica do pensamento moderno.

René Descartes

Filósofo, físico e matemático francês (1596/1650). Também conhecido como Cartesius, notabilizou-se por seus trabalhos em Filosofia e pela criação do sistema de coordenadas cartesianas. Publicou o Discurso sobre o método (1637).



Colégio Jesuíta de La Flèche, França. (Fonte: <http://oregonstate.edu>).

Descartes publicou, em anexo ao Discurso do Método, um texto chamado A Geometria que visava demonstrar matematicamente suas reflexões filosóficas.

CARTESIANO

Descartes movido pelo desejo de estabelecer uma base segura para o conhecimento assumiu o desafio de enfrentar o ceticismo que reinava no século XVII, graças a influência, principalmente, de **Michel Montaigne** e da sua experiência como aluno em La Flèche, como podemos ler na Primeira parte do Discurso: “aprendi a não crer demasiado firmemente em nada do que me fora inculcado só pelo exemplo e pelo costume” (Discurso do Método, op.cit. p. 47). E mais adiante afirma: “Mas, depois que empreguei alguns anos em estudar assim no livro do mundo, e em procurar adquirir algumas experiências, tomei um dia a resolução de estudar também a mim próprio e de empregar todas as forças de meu espírito na escolha dos caminhos que devia seguir” (Ibidem, p 48).

É possível conhecer? Como garantir a validade dos nossos juízos? Questões como estas colocavam em xeque os pilares do conhecimento científico, no entanto, não intimidavam nem abalavam o desejo de Descartes em reconstruir os alicerces para o conhecimento. Frutos deste desejo nasceram suas obras mais importantes que são: Regras para o direcionamento do espírito (1628), Discurso do método ou Discurso sobre o método para bem conduzir a razão na busca da verdade dentro da ciência (1637) e Meditações sobre a filosofia primeira (1641).

Para esta aula introdutória, faremos uma breve exposição dos principais argumentos que compõem o Discurso do Método, bem como, demonstraremos a aplicabilidade do método nas Meditações, particularmente, na formulação da mais conhecida certeza encontrada por Descartes, a saber: Penso, logo existo.

O MÉTODO CARTESIANO

Como já afirmamos, filosofar para Descartes é pensar metodicamente. O modelo para este novo modo de pensar, R. Descartes encontrou na matemática.

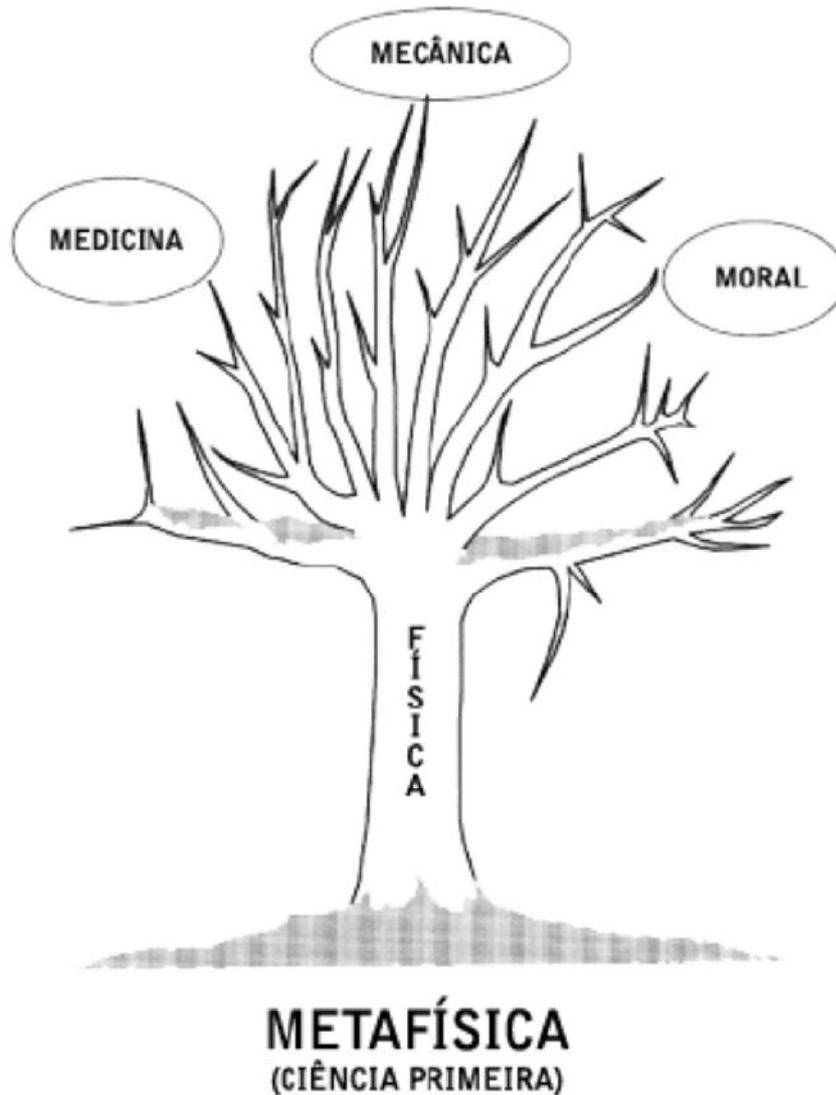
A matemática, para ele, era formadora do espírito, visto que suas verdades se manifestavam de modo absoluto e espontâneo.

Por essa razão, afirma o filósofo que foram os matemáticos os únicos capazes de encontrar, na busca do conhecimento, razões certas e evidentes (Regra IV). Vale ressaltar que Descartes não reduz seu método à matemática, ou seja, o método cartesiano não é um método matemático, mas se espelha neste modelo. O método, como o termo grego *meta hódos* expressa caminho e, enquanto tal, aplicável universalmente a todas as ciências. No campo da matemática, por exemplo, Descartes inaugurou com a aplicação do Método a chamada geometria analítica e fundou outros conhecimentos no campo da Álgebra e da Aritmética.



Michel de Montaigne

Autor dos Ensaios, Montaigne é considerado, por muitos, como cético posto que defendia que o único fim da sabedoria é aprender a não julgar. Não haveria, segundo ele, critérios objetivos capazes de justificarem uma escolha em detrimento de outra a não ser a tradição e o costume. Segundo Montaigne, nunca devemos estar convencidos das nossas opiniões. (1533-1592).



Árvore em que os ramos representam cada um a moral, medicina e a mecânica, o tronco representa a física e as raízes a metafísica. (Fonte: <http://educaterra.terra.com.br>).

Segundo nosso filósofo, o conhecimento poderia ser descrito através da imagem de uma grande árvore.

A moral seria a mais elevada e mais perfeita das ciências porque pressupõe um conhecimento integral das outras ciências, sendo assim, o grau mais último de toda sabedoria. E quais são as regras que compõe o Método?

Apodíctico

Conhecimento demonstrável, evidente e necessário.

AS REGRAS

As regras têm por objetivo descreverem como pensa o espírito ao refletir de modo matemático, ou seja, de modo **apodíctico**. Sabemos que a matemática goza de um rigor e, portanto, do estatuto de universalidade. A filosofia é, por definição, o amor à sabedoria sendo necessário, para isso, adquirir o hábito pelo pensar.

Para que o pensamento possa extrair os princípios fundamentais e úteis para o homem é necessário um encadeamento rigoroso, capaz de propiciar a dedução a partir dos primeiros princípios. Neste sentido, chama-se método a ordem que o pensamento deve seguir para chegar à sabedoria. Depois de ter exposto nas Regras para a orientação do espírito (1628), Descartes decidiu reduzir os vinte e um princípios ou regras a quatro preceitos simples e válidos:

1. “Jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção, e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida”.

É importante observar que esta é a primeira regra, mas também é a última, no sentido de que a “evidência” é o ponto de partida e de chegada de toda reflexão. Vemos também, o contraponto entre a precipitação e a dúvida, a prevenção e a evidência, a clareza e a distinção.

2. “Dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.”

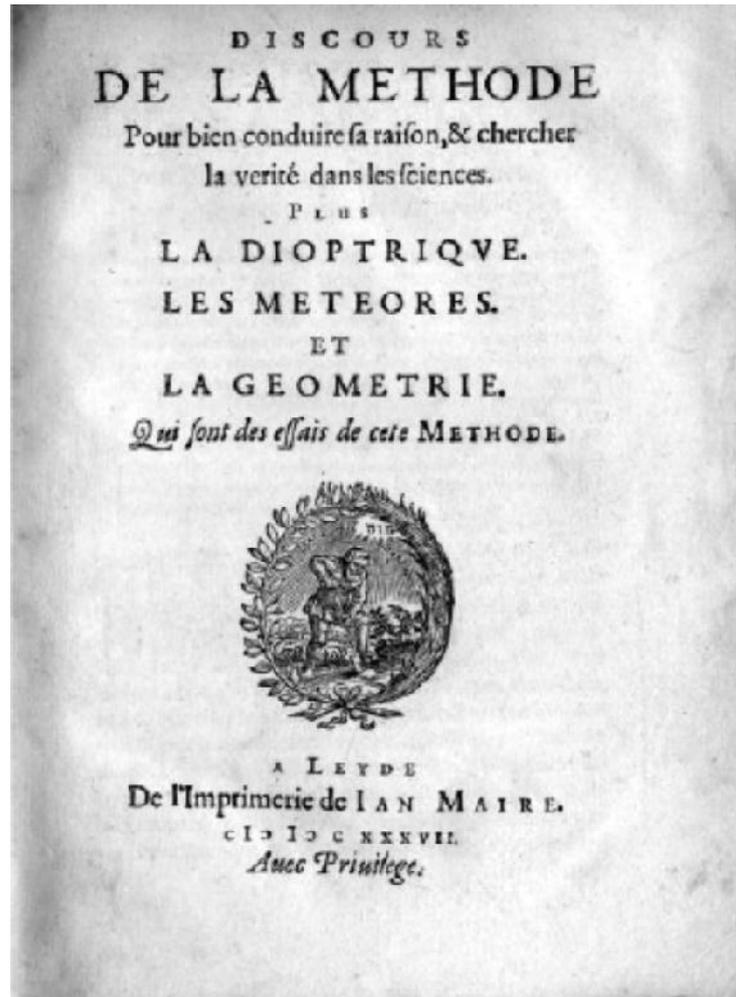
Nesta regra temos manifesto um procedimento analítico que decompõe o todo em vários elementos, fato este que conduz à evidencia posto que permite a luz do intelecto dissipar as ambigüidades. Se a evidência é necessária para a certeza, e a intuição é necessária para evidência, para a intuição, entendida como um conceito indubitável da mente pura e eterna, é necessário a simplicidade derivada da decomposição em partes elementares.

3. “Conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.”

Se na regra anterior prevalecia a decomposição do conjunto, nesta se dá a síntese, ou seja, a recomposição dos elementos que foram decompostos. Dito de outro modo, é recompor a ordem e criar uma cadeia de raciocínio ou formulação hipotética capaz de explicar a realidade em análise. Cumpre dizer que, neste processo, as verdades dependem uma das outras, ou seja, que existe uma ordem ou uma cadeia lógica no raciocínio.

4) “Fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir”.

A quarta regra tem como característica a cautela, isto é, para evitar a superficialidade nos raciocínios é necessário analisar, uma por uma, todas as conclusões retiradas do exame proposto. É, portanto, o fechamento do processo investigativo. Por fim, diríamos que as regras do método destacam a necessidade da plena consciência dos momentos constitutivos da pesquisa científica.



Discurso do Método, René Descartes 1637 (Fonte: <http://www.leeds.ac.uk>).

A APLICAÇÃO DO MÉTODO ÀS MEDITAÇÕES METAFÍSICAS: O “COGITO” COMO EXERCÍCIO

Feita a exposição das regras que compõem o método cartesiano poderíamos perguntar: qual é o fundamento sobre o qual repousa toda a reflexão cartesiana presente no método? Certamente a base propulsora do método é a dúvida presente na regra de número I. Com isso queremos dizer que a dúvida mais que uma indecisão do tipo “não sei” é parte constitutiva e fundante do método. Por isso, chamamos a dúvida cartesiana de “dúvida hiperbólica” ou “dúvida metódica”. Este exercício de considerar “provisoriamente” falsas todas as opiniões é o primeiro passo para o conhecimento. Antes de mais nada é preciso duvidar para, a partir daí, meditar longamente sobre as razões que podemos ter para suspender o juízo sobre determinada questão. É também, um esforço prolongado para destruir a nossa tendência em acreditar no testemunho dos sentidos, isto é, a dúvida leva a uma

consideração atenta dos erros que os sentidos produzem, bem como, das ilusões produzidas por nossos sonhos. Sobre isso podemos ler no Resumo que antecede as Meditações: “Ora, se bem que a utilidade de uma dúvida tão geral não se revele desde o início, ela é todavia nisso muito grande, porque nos liberta de toda sorte de prejuízo e nos prepara um caminho fácil para acostumar nosso espírito a desligar-se dos sentidos, e, enfim, naquilo que torna impossível que possamos ter qualquer dúvida quanto ao que descobriremos, depois, ser verdadeiro” (Meditações, op.cit. p. 161)

De modo que, podemos perguntar: sendo os sentidos enganosos, como demonstra a experiência, como sustentar que existe algo capaz de ser fundamento para as ciências? Como sair da dúvida? Um fato é certo, enquanto que os céticos mantinham a dúvida como princípio e fim das suas reflexões, Descartes a toma como momento provisório de acesso à verdade. Sendo, portanto, uma dúvida provisória, o que poderia ser aceito como indubitável? Responder esta questão é “caminhar”, isto é, é por em ação o método.

O “COGITO”

A primeira certeza indubitável que satisfaz a exigência do método, para Descartes, é o “eu penso” (cogito). Vejamos o argumento: na medida em que ponho em dúvida todas as coisas, é necessário admitir o ato pelo qual a dúvida é posta, isto é, o pensar. Há, assim, uma cadeia lógica entre a dúvida, o pensar e o sujeito pensante. Daí a formulação “penso, logo existo”, dito de outro modo, para duvidar é preciso que eu pense e, portanto, que exista. Neste sentido, da dúvida mais radical, brota a primeira evidência.

É importante observar que o “eu penso, logo existo”, para Descartes, escapa toda dúvida porque é um ato puramente intuitivo, ou seja, através do “cogito” percebo a minha própria existência enquanto ser pensante. Chegamos à definição da primeira classe de substância: *res cogitans*, isto é, uma substância pensante. Temos assim, uma interdependência entre o pensamento em ato e a substância pensante.

Ao caracterizar o homem como uma realidade pensante, Descartes crer revelar uma certeza inabalável, primeira e irrenunciável e, paralelamente, garantir a validade da razão como a faculdade de julgar bem e distinguir o verdadeiro do falso, ou seja, o que ele chama de bom senso que revela a unidade da razão, das ciências e do método. Tendo demonstrado a certeza do cogito como uma idéia clara e distinta, Descartes se pergunta sobre a validade das regras para o conhecimento do mundo e de outras idéias de validade também universal.

Como consequência da sua análise o filósofo divide as idéias em três tipos:

a). Inatas: são aquelas que encontramos em nós mesmo, isto é, nascidas

conosco.

b) Adventícias: são aquelas provenientes do exterior e que nos remetem a coisas totalmente distintas de nós.

c) Fictícias: são construídas por nós e Descartes as considera ilusórias e arbitrárias.

Destes três tipos de idéias nos deteremos somente na primeira classe. É para fundar o caráter objetivo das faculdades cognoscitivas que Descartes proporá a resolução do problema da existência de Deus.

DEUS E MUNDO NAS MEDITAÇÕES

A partir da certeza do cogito, Descartes busca provar a existência de Deus, também, por meio da reflexão sobre a dúvida. Ora, dissemos que é na dúvida que o pensamento revela a própria existência, mas é preciso saber que o fato de duvidarmos implica, por um lado, que somos seres imperfeitos e, por outro, que temos, em nós, a idéia da perfeição. De onde provém tal idéia? A conclusão cartesiana é: se é no ato da dúvida que apreendo minha existência, fica demonstrado a impossibilidade do sujeito ser causa de si mesmo, posto que a dúvida acusa a imperfeição da natureza humana, logo,

somente um ser perfeito poderia ser sua causa e este ser é Deus.

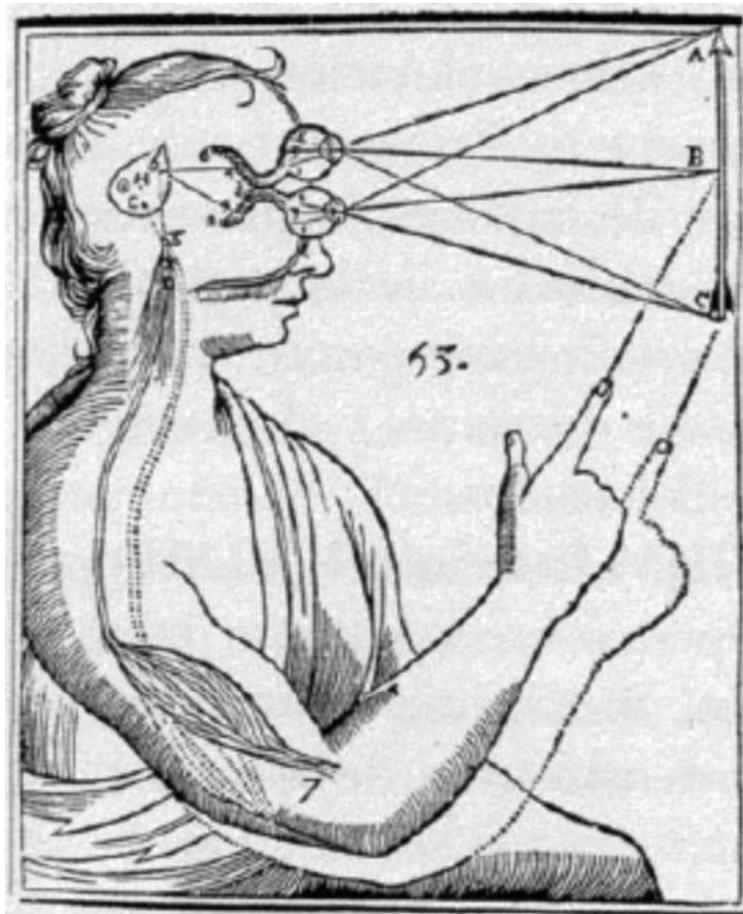
Deus é uma idéia que está em nós e assume, em Descartes, o papel de sustentáculo da capacidade humana em conhecer o verdadeiro, o mundo e a imutabilidade das leis. Sendo Deus a garantia da perfeição das nossas faculdades, não poderia condená-las ao erro. O erro é fruto, em perfeito acordo com o projeto do método, da natureza limitada do homem e, principalmente, do uso indevido da razão. A formulação de juízos arbitrários é a fonte de todo erro. É preciso dizer que aqui entra em jogo uma faculdade distinta do entendimento e do juízo, a saber, a vontade. O papel da vontade é decisivo porque é através dela que negamos ou afirmamos aquilo que o entendimento percebe claro e distintamente. Se somos falíveis, posto que não somos Deus, cabe a nós, dirá Descartes, a responsabilidade dos nossos atos.

Como conseqüência da demonstração da existência de idéias inatas (Deus), Des-



Deus como arquiteto, pintura, William Blake - 1774
(Fonte: <http://storage.msn.com>).

cartes conclui, seguindo sua distinção entre os três tipos de idéias, que o mundo também possui uma realidade concreta, dado que, se as idéias adventícias parte do exterior é possível chegar a existência do mundo corpóreo. Além do mais, o corpóreo é objeto das demonstrações geométricas. Neste sentido, o mundo interior é definido como *res cogitans* e o mundo material como *res extensa*. A conclusão que chega Descartes é que o universo é feito de uma só matéria e que a conhecemos pelo fato de ser extensa. No entanto, cumpre observar que, embora indispensáveis, os sentidos são fontes de estímulos, mas não a sede do conhecimento. O processo deve ser seletivo e ordenado segundo a aplicação do método com o intuito de chegar a idéias claras e distintas.



O mecanismo de Descartes, desenho, René Descartes, L'Homme Paris 1729 (Fonte: <http://www.filosofix.br9.biz>).



ATIVIDADES

1. Que papel desempenha o contexto histórico em que viveu Renè Descartes para a construção do método?
2. Qual a importância da matemática para o pensamento cartesiano?
3. Em que consiste o solipsismo cartesiano?
4. Em que sentido Deus é garantia para o conhecimento?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Quanto às questões 1 e 2 é importante observar que o contexto histórico segue os avanços e críticas típicas do Renascimento contra a visão aristotélico-escolástica que teologizava o conhecimento. A questão 3 diz respeito a separação mundo interior e exterior. Quanto a questão 4 diz respeito a saída do solipsismo ou a ponte entre idéia e objeto exterior.

CONCLUSÃO

Caro aluno, finalmente o pensamento moderno não só se estrutura a partir do pensamento cartesiano, nas idéias de método e de cogito, mas representa sua tarefa maior, ou seja, construir um sistema ordenado e seletivo em que o conhecimento é definido a partir do exame atento dos procedimentos que constituem as distintas fases do método. É bem verdade que a distinção entre *res cogitans* e *res extensa* propiciou uma visão solipsista em que o “eu” pensante permanece isolado completamente do mundo exterior. No entanto, se por um lado a certeza do cogito serviu de resposta ao ceticismo, que postulava a ausência de toda certeza, por outro exigiu uma saída capaz de estabelecer uma ponte entre o mundo “interior” e o mundo “concreto”. Esta saída Descartes encontrou em Deus. Deus permite a passagem do idealismo ao realismo posto que, como vimos no texto, não somente é uma idéia, mas existe na realidade. De modo que o conhecimento, provado a existência dos dois mundos (interior e material) é a correspondência, ou melhor, a representação entre a idéia e o objeto externo mediante o uso correto da razão e a aplicabilidade rigorosa do método.

RESUMO

A filosofia é, para Descartes, pensar metódico. Neste sentido, a decepção com o sistema de ensino da época, reprodutivo e estéril, levou Descartes a postular uma reestruturação do método científico. Sua tarefa consistiu em demonstrar, contra o ceticismo reinante, ser possível conhecer de modo claro e seguro. Para isso, propôs um método pautado em quatro preceitos ou regras: evidência, divisão, síntese e enumeração. Sendo uma faculdade natural, o pensar exige um método capaz de conduzir ao conhecimento verdadeiro. A razão passa a ser guia e critério para o conhecimento. Como fruto da aplicação do método, Descartes consegue demonstrar a existência de duas realidades substanciais: o pensamento e mundo exterior. Funda assim um idealismo baseado na existência de um “eu” puro que o leva a postular a existência de Deus, pensado primeiramente como idéia inata e depois como realidade concreta, como saída e garantia para a correspondência entre as idéias e mundo exterior.



PRÓXIMA AULA

Na aula 17, será apresentado o criticismo de Immanuel Kant.



REFERÊNCIAS

- Cottingham, Jonh. **Dicionário Descartes**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- Descartes, René, **Discurso do Método**. Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1991
- _____. **Meditações**, Trad. J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1991.
- Koyré, Alexandre. **Estudos de história do pensamento filosófico**. Rio de Janeiro: Forense, 1991.
- _____. **Considerações sobre Descartes**. Lisboa: Presença, 1980.
- Rossi, Paolo, **Los filosofos y las máquinas: 1400-1700**. Barcelona : Labor, 1966.